

Conhecimentos Pedagógicos

Antropologia da educação



ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Ronaldo Tadeu Pena
Reitor

Heloisa Maria Murgel Starling
Vice-Reitora

Pró-Reitoria de Graduação

Mauro Mendes Braga
Pró-Reitor

Carmela Maria Polito Braga
Pró-Reitora Adjunta

Maria do Carmo Vila
Coordenadora do Centro de Apoio à Educação a Distância

Ione Maria Ferreira de Oliveira
Coordenadora da UAB UFMG

Faculdade de Educação

Antônia Vitória Soares Aranha
Diretora

Orlando Gomes de Aguiar Júnior
Vice-Diretor

Curso de Pedagogia UAB-UFMG

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Coordenadora Geral

Tânia Margarida Lima Costa
Vice-Coordenadora Geral

Sérgio Dias Cirino
Coordenador do Eixo Integrador



Bernardo Jefferson de Oliveira

ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Tânia Margarida Lima Costa
(organizadoras)

Belo Horizonte
CURSO DE PEDAGOGIA UAB UFMG
FAE/UFMG
2009

ORGANIZADORAS Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Tânia Margarida Lima Costa

ASSESSORA PEDAGÓGICA Elza Vidal de Castro

REVISORA Maria Ribeiro dos Santos

PRODUTOR EDITORIAL Marcos Alves
Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

© 2009, Os autores e organizadores

© 2009, Curso de Pedagogia UAB UFMG

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do editor.

Ficha Catalográfica

O148a Oliveira, Bernardo Jefferson de.
Antropologia da Educação / Bernardo Jefferson de
Oliveira; Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben,
Tânia Margarida Lima Costa (Organizadoras). Belo
Horizonte: FaE/UFMG, 2009.
40 p. : il. – (Conhecimentos Pedagógicos)

Obra produzida para o curso de Pedagogia da
Universidade Aberta da UFMG.
ISBN: 978-85-99372-88-3

1. Antropologia educacional. 2. Cultura. I. Dalben,
Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. II. Costa, Tânia
Margarida Lima. III. Título. IV. Série.

CDD: 306.43
CDU: 37.015:57

Elaborada pela DITTI – Setor de Tratamento da Informação
Biblioteca Universitária da UFMG

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
Curso de Pedagogia UAB UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
31270-901 - Belo Horizonte-MG
Tel. 31 3409-4427

ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO



AUTOR

Bernardo Jefferson de Oliveira

Possui graduação em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1983), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989), doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000) com estágio de pesquisa na Harvard University (1997 e 1998) e pós-doutorado em História da Ciência no Massachusetts Institute of Technology (2004-2005). Atualmente é professor adjunto e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em educação gestão 2008-2010 da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação, Filosofia e História da Ciência.



EMENTA

A formação cultural: noção de cultura como processo de humanização. O dinamismo do processo cultural. Sistema simbólico e linguagem. A transmissão e a transformação cultural: diferenças, estranhamento e conflitos culturais.



●●●●●● SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1. CULTURA COMO FUNDAMENTO DOS SERES HUMANOS | 10 |
| 2. LINGUAGEM E SISTEMA SIMBÓLICO | 13 |
| 3. TRANSMISSÃO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL | 18 |
| 3.1. Diferenças e conflitos culturais | 24 |
| 3.2. Estranhamento e identificação cultural | 29 |
| 4. CONCLUSÃO | 32 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 33 |
| ORIENTAÇÃO DE ESTUDO | 34 |
| ESTUDO COMPLEMENTAR | 38 |





INTRODUÇÃO

A Antropologia é fundamental para a educação. Ela é um valioso instrumento para compreensão do ser humano e de sua formação cultural. Essa formação é muito mais ampla do que a que acontece na escola. Ela engloba o ensino a aprendizagem de hábitos, valores, atitudes e conhecimentos, ao longo da vida. É esse amplo processo de formação cultural que a antropologia da educação enfoca.

Antropos é a palavra grega referente a homem, no sentido amplo de humanidade. A terminação *logia* significa ciência ou estudo. Assim, antropologia significa 'estudo do homem (*antropos*)'. Isto não quer dizer que seja a única ciência que o estuda. A sociologia, a biologia, a psicologia e outras ciências também o fazem. Mas cada uma das ciências estuda o homem sob uma determinada perspectiva, visando aspectos específicos.

A Antropologia é a ciência que procura compreender o homem em sua relação com a cultura. Seu objetivo é entender os caminhos tomados por diferentes grupos humanos. Ela tenta conhecer suas diferenças e pensar o que eles têm em comum. Entender o processo de formação das diferentes culturas é uma forma de compreender a nossa.

Neste texto vamos nos deter inicialmente sobre a noção de cultura e discutir seus significados e sua diversidade. Em seguida, examinaremos a atividade simbólica como fundamento para a compreensão do humano e de sua cultura.

1. CULTURA COMO FUNDAMENTO DOS SERES HUMANOS

Fala-se muito de cultura. Mas o que é isto? Empregamos essa palavra em vários sentidos. Falamos em feira cultural, em TV Cultura, em agricultura, cultura popular e desenvolvimento cultural. Dependendo do contexto, o termo cultura adquire um significado específico. Mas será que não há um núcleo comum a todos esses sentidos?

A palavra cultura vem do termo latim *colere*, e mantém os seguintes significados: cultivar, cuidar, tratar, criar, honrar e preservar. Quando se fala em cultura o mais comum é pensarmos no artesanato, na culinária e festas típicas de nossa região, deixando de lado várias outras coisas que fazem parte de nosso dia a dia. Neste caso o cultural é entendido mais como o pitoresco do que como o corriqueiro. Por outro lado, muitas vezes falamos de cultura como conhecimento sofisticado e refinado. “Que pessoa culta!”, dizemos sobre alguém que fala diversas línguas e conhece muito sobre outros povos ou outras épocas.

Na realidade, chegam a ser conflitantes os sentidos atribuídos à palavra cultura. Observe a palavra inculto, que se refere àquele “que não tem cultura”. Seu uso supõe que a cultura é a posse de um determinado saber (erudito e oficial). Entretanto, quando se fala em cultura popular, o que vem à mente são outras formas de saber.

No conjunto das ciências humanas há também diferentes conceitos de cultura, alguns enfatizando a produção material, outros a língua, a história ou os costumes. Mesmo no âmbito da Antropologia há definições distintas. Assim, para Claude Lévi-Strauss, a cultura introduz a ordem e os princípios de classificação que são necessários ao pensamento humano; a cultura é um conjunto de regras, geralmente inconscientes, entre as quais a principal é a proibição do incesto. Já para Ruth Benedict, a cultura é aquilo que liga os homens, como as idéias e padrões que têm em comum, e organiza seu comportamento. E, de acordo com Clifford Geertz, a cultura é um sistema simbólico entrelaçado de significados, definições e sentidos utilizados pelos nativos e que precisam ser interpretados pelo antropólogo.

A noção de cultura que vamos estudar aqui se refere ao conjunto dos modos de vida criados e transmitidos de uma geração para outra, entre os membros de determinada sociedade. Algo que abrange conhecimento, crenças, técnicas, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades adquiridas socialmente pelos seres humanos.

Mas então o que fica fora disto? Quais de nossos comportamentos não são culturais? As reações biológicas que geram e mantêm o metabolismo de nosso corpo não dependem de onde ou quando nascemos. Mas tantas de nossas reações corporais são influenciadas ou ditadas pela cultura! Pense no andar, por exemplo. Será que um bebê que sobrevive numa floresta sem contato com um grupo humano saberia ou aprenderia a andar, a falar e a raciocinar?

Não foi o que aconteceu com duas meninas encontradas na Índia. Quando elas foram encontradas, em 1920, uma tinha por volta de dois anos e a outra de oito anos. Tendo

crescido entre os lobos, faziam tudo como eles. Caminhavam e corriam usando os pés e as mãos. Só se alimentavam de carne crua ou podre. Como os animais, bebiam água lambendo. Eram quietas durante o dia e ativas e ruidosas durante a noite. Não choravam ou riam, mas uivavam. Aprenderam tudo com eles. Tinham as capacidades físicas de andar eretas sobre dois pés e de se expressar como nós, mas essa composição física não determina que se ande e que se fale do jeito que estamos acostumados¹.

Precisamos de uma aprendizagem. Sem perceber, vamos aprendendo aspectos da cultura na qual fomos criados. É claro que os mais velhos podem ajudar a acelerar esse processo. Mas as crianças podem também aprender por elas mesmas, olhando e tentando copiar os outros. Experimentando e aprimorando as experiências, até saber fazer igual aos outros. Na verdade, aprendemos sem perceber e esquecemos que aprendemos certas coisas. Assim, quando prestamos atenção, parece-nos algo natural do ser humano. Todas aquelas aprendizagens podem ter sido custosas. Mas, anos depois, parecem ser comportamentos instintivos, reações naturais de nossos corpos ao ambiente externo.

Inúmeros exemplos podem ser dados nesse sentido. Assim consideramos nossas reações a determinados odores, que qualificamos como *cheiro ruim*, uma reação meramente corporal e não uma questão de gosto ou cultural. São sentidos como desagradáveis ou até intoleráveis. Mas não eram, até aprendermos essas regras. Mesmo o cheiro considerado ruim varia de cultura para cultura. Para reconhecer isso, basta acompanhar um adulto tentando ensinar crianças a usar o vaso sanitário, a disciplinar suas necessidades. Ou então lembrar das caras feias e do alarde que se faz quando uma criança vai engatinhando até a privada querendo ver e mexer lá. Correndo, dizemos: - “Eca! É sujo! Não pode!” Não basta repetir algumas vezes. É um processo que leva meses e meses. Mas, um bom tempo depois, essa lição acaba sendo incorporada de tal forma que passa a fazer parte das nossas reações, parecendo até mesmo naturais, como se tivessem nascido conosco. Nessas situações agimos *automaticamente*. Nem pensamos o que fazer. Nosso corpo aprendeu a lição e incorporou de tal forma que parece instintivo. Mas não é².

A propósito, instinto é o comportamento determinado biologicamente e comum a toda espécie. Pensemos, por exemplo, num inseto, numa aranha. Ela sabe o que comer, como fazer sua teia e que preparativos necessita para a procriação, sem que tenha tido aprendizagem a este respeito. Ela faz do mesmo jeito em qualquer lugar onde ela vive. Aqui ou na China, hoje como há quinhentos anos. Ela pode sofrer mutações genéticas, e, então, desempenhar novas características. Mas enquanto isso não ocorrer, enquanto sua constituição biológica não mudar, o comportamento de todas as gerações será o mesmo. Não se renova nem se perde. São comportamentos rígidos, mas que nos parecem perfeitos devido à extrema habilidade com que são executados.

¹ Há outros casos semelhantes ao dessas duas meninas que são igualmente instigantes e reveladores. O do menino de Avignon e o de Kaspar Hauser são retratados em filmes que merecem ser vistos e discutidos O menino selvagem (direção de François Truffaut), “O enigma de Kaspar Hauser”(direção de Wladimir Herzog).

² O cuidado maternal é um dos comportamentos que, em analogia com os animais, geralmente se considera como instintivo e não como um valor cultural. O livro de Elisabeth Badinter - *Um amor conquistado: o mito do amor materno* - mostra como essa noção que serviu de parâmetro em diversas teorias educacionais, foi sendo formada ao longo da história de nossa cultura..

Certo é que as reações dos animais ao ambiente estão muito bem programadas em seu corpo. Por isso se diz que os animais são o seu corpo, que estão determinados por ele³. Isso não quer dizer que nenhum tipo de animal possa aprender nada além do que está biologicamente programado. Quem já ensinou boas maneiras a um cão sabe o quanto ele é capaz de aprender. Mas os animais não precisam de aprendizagens para sobreviver. O conhecimento de que têm necessidade já nasce com eles. Pode, às vezes, não estar pronto quando nascem, aparecendo somente a certa altura do amadurecimento de seu corpo. Por exemplo, patinhos não sabem nadar senão após algumas semanas de vida. A pata-mãe sabe quando estão prontos, e, então, os leva e os ajuda de início. Ensina-os? Ela e mesmo os filhotes mais atirados ajudam os que estão inseguros. Pois, só de ver os outros nadando, as coisas parecem ficar mais fáceis. Mas, mesmo quando o pato nasce e cresce isolado, chocado por uma galinha e longe de qualquer exemplar inspirador, ele saberá nadar tranquilamente quando for maior. Sozinho! Sem lições, sem mestres, sem apoio familiar. Isso está programado no corpo dele, assim como no nosso corpo células se comportam como estão programadas biologicamente.

Nosso organismo também funciona assim. O coração bombeia o sangue da mesma maneira em todos indivíduos da espécie humana. Nossos hormônios e nossa pressão sanguínea são regulados sem nosso consentimento, independentemente de nosso conhecimento, do local e da época onde nascemos e crescemos. Mas essas determinações corporais não garantem nossa sobrevivência. Somos os únicos animais que não sabem reconhecer, instintivamente, o que é um alimento, ou o que é um predador. Nem do fogo fugimos se não aprendermos sobre o perigo que pode representar para nós.

É verdade que nascemos sabendo sugar. Mais do que isso, nascemos sabendo como não afogar. Até uns três meses de idade temos reações corporais que nos impedem de um rápido afogamento. O fato é que, comparado aos dos outros animais, nossos instintos são muito fracos. Temos que aprender para sobreviver. Nem que seja aprender os hábitos de lobo. Mas sem a educação, sem a aprendizagem de alguma cultura, não vivemos. Por isso se diz que o homem é um ser de cultura. A cultura é o que resulta da interferência do homem no mundo: um processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar. Nesse processo, algumas dessas experiências são preservadas, outras transformadas ou eliminadas.

Em suma, enquanto o animal permanece sempre o mesmo na sua essência, repetindo os mesmos gestos comuns à sua espécie, o homem muda as maneiras pelas quais vive, estabelecendo relações também mutáveis, que por sua vez alteram a maneira de perceber, de pensar e de sentir o mundo.

Diante do exposto, podemos afirmar que as culturas são modos peculiares que os humanos inventaram de se relacionar com mundo, de organizar suas vidas. São muitas as culturas neste mundo. Só no Brasil de hoje existem 137 culturas indígenas, muito diferentes umas das outras. Além disso, podemos reconhecer muitas subculturas dentro de uma determinada cultura. Nas grandes cidades, por exemplo, se fala em *tribos urbanas* e em *submundos*.

³ Rubem Alves aborda lindamente essa questão em diversos escritos, como em seu livro *O Enigma da religião*.

2. LINGUAGEM E SISTEMA SIMBÓLICO

Quando se diz que nossa vida cotidiana está repleta de símbolos é comum lembrarmos-nos dos sinais de trânsito, emblemas de times de futebol, das bandeiras dos países, de alianças ou de alguns rituais, ou de símbolos religiosos como o sinal da cruz.

Menos comum, no entanto, é encararmos como sendo simbólicos os nossos costumes de falar em alguns momentos e silenciar noutros, de brincar com algumas coisas e de levar a sério outras, de respeitar ou de transgredir certas normas. Embora muitas vezes interpretemos os comportamentos de nossos alunos e colegas, raramente os analisamos como formas simbólicas. Pois bem, para a Antropologia todo comportamento humano é simbólico. E mais: a criação e o uso de símbolos é o fundamento das culturas.

Mas, afinal de contas, o que é um símbolo? Esse termo vem do grego *symbolon* que significa *lançar com, pôr junto, fazer coincidir*. De acordo com a semiologia, que é a ciência que estuda os sinais (ou signos), os símbolos são um tipo de signo. Signos ou sinais são coisas (imagens, objetos, sons, etc.) que representam outras coisas (pessoa, valores, objetos, atos, etc.). Sabemos que a fumaça é sinal de fogo, que nuvens escuras e ventanias são sinais de chuva, que sinal vermelho indica que devo parar. As letras representam sons e com alguns desses sons representamos pessoas, coisas, atos, e sentimentos.

O signo é um meio para que percebamos aquilo que se faz ali representar. Representar significa tornar presente o que não está aqui, seja por que já passou ou por que ainda nem mesmo chegou a existir. Signo é alguma coisa que se apresenta no lugar de outra e presentifica algo que está ausente.

Enquanto certos tipos de signos são mais diretos e evidentes, os símbolos são versáteis. Eles são criados e adotados por uma cultura, mas podem ter um significado completamente diferente em outra cultura. Um mesmo símbolo pode representar várias coisas. Um choro, por exemplo, pode ser expressão de uma mágoa, de uma dor ou mesmo de uma grande alegria. Por isso, símbolos demandam uma interpretação do contexto, das intenções e dos possíveis significados.

Os animais têm sua linguagem, mas ela não é composta de símbolos. Trata-se de uma linguagem instintiva, que usa tipos de signos mais diretos e menos ambíguos. No mundo humano, dada a ausência de determinações instintivas, é através dos símbolos aprendidos que se percebe o sentido das coisas, como por exemplo, o que é comestível e o que deve ser temido. Sem a construção e a ordenação cultural dos significados, estaríamos perdidos.

Por isso se diz que a humanidade não vive num universo puramente físico, mas num universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte, a técnica, a ciência e a religião são partes desse universo. “São os vários fios que tecem a rede simbólica, a teia emaranhada da experiência humana” (CASSIRER, 1972, 50).

Voltando a questão da cultura, é comum pensar o homem como animal que resolve primeiro suas necessidades biológicas e depois desenvolve a cultura. Tanto no que se refere aos dias atuais quanto ao longo da história da humanidade, julga-se que o bicho-homem só desempenha rituais, atividades religiosas, míticas e artísticas após ter resolvido, com o trabalho, o problema de sua sobrevivência. Opondo a essa idéia, ressaltamos que na espécie humana não dá para separar as necessidades ditas básicas (como a luta por alimentos, pela reprodução da espécie, por abrigos) das necessidades criadas pela cultura.

Os dados arqueológicos (estudo da história da humanidade) mais antigos que temos notícia referem-se a atividades que parecem não estar ligadas a necessidades básicas, como os ritos fúnebres, que são expressões simbólicas. São sinais de que enterros e cerimônias realizadas tinham um significado especial para aquele grupo social. Essas atividades não resolvem o problema da alimentação. Ao cuidar dos mortos, aqueles indivíduos deixavam de se ocupar de sua sobrevivência biológica. Pois bem, este e outros fatos semelhantes levaram os estudiosos a perceber que os homens têm, por assim dizer, fome de símbolos, ou melhor, necessidade de que as coisas a sua volta tenham significado. Os homens não sobrevivem se não construírem ou encontrarem um sentido para a vida.

As necessidades humanas nunca foram nem são apenas de ordem biológica. Nossas necessidades básicas são compostas também pela imaginação e pelas determinações simbólicas que ganham forma em cada cultura. A cultura não é, portanto, uma espécie de ornamento extrínseco que vem se sobrepor à existência e acrescentar-lhe alguns atrativos suplementares. O que se chama de mundo humano inicia-se justamente quando a dimensão simbólica passa a fazer parte de vida.

O mundo precisa fazer sentido para que nos empenhemos em viver, e a cultura consiste na composição desses sentidos. Quando o mundo deixa realmente de fazer sentido para uma pessoa, ela deixa de querer lutar por sua vida. Dependendo do quadro cultural em que se vive e da maneira como se interpretam certos acontecimentos, a morte também pode fazer sentido e ser almejada, tanto pelo suicida quanto pelo guerreiro.

Durante muito tempo, acreditou-se que os canibais comiam os seres humanos por animalidade ou falta de alimentos. Foi difícil entender que eles comiam por razões simbólicas, isto é, não comiam qualquer carne. Não comiam a carne de gente ruim, que eles considerassem ser covarde, mas sim, a de guerreiros valentes. Era, pois uma forma de realimentar sua bravura e de recuperar a força dos antepassados comidos por guerreiros de grupos inimigos⁴.

Fala-se em sistemas simbólicos quando os símbolos não estão somente amontoados, mas interligados. Ou seja, há uma relação de intimidade e de correspondência entre eles. Observe, por exemplo, a correspondência entre os números. O seis equivale a duas vezes o três. Por sua vez, os números 6, 2 e 3 referem-se à quantidade de unidades: 3 = três vezes

⁴ A poesia I Juca Pirama de Gonçalves Dias descreve lindamente uma situação dessas. Mas há também alguns filmes nacionais que narram rituais antropofágicos que nos ajudam a compreender sua dimensão simbólica: Como era gostoso o meu francês; Hans Staden; e Caramurú.

a unidade. Também as notas musicais estão sempre em relação umas com as outras. A identificação de um *ré* ou de um *mi* depende da adoção de uma escala musical e uma nota de referência.

Essas duas linguagens - a matemática e a da notação musical – são exemplos de sistemas simbólicos, mas é a língua que é o sistema fundamental para compreensão da cultura. Ela é indispensável à vida das sociedades e confunde-se com o nascimento das culturas. Estima-se que a língua falada surgiu por volta de 80 mil anos atrás enquanto que os códigos escritos mais antigos que se tem notícia são de cerca de 5 mil anos antes de Cristo. Também a imagem de uma teia ou de uma rede pode nos ajudar a pensar a característica inter-relacional do sistema. Nelas os fios estão todos de alguma forma interligados, e a sustentação deles se dá pela ligação de um com os outros, logo se bulirmos com um, interferimos nos outros.

Sem ser totalmente coerentes, sistemas de significações estabelecem *códigos*, que são conjuntos de regras convencionadas socialmente, como as que encontramos e praticamos na escola. Assim como os significados, os códigos podem mudar – já vimos que uma pessoa pode criar um novo sentido -, mas para que funcionem como linguagem e sirvam como forma de ordenação, eles têm que ser padronizados. Os valores e os significados têm validade consensual, isto é, os membros de uma cultura aprendem a segui-los e concordam em compartilhá-los.

Através dos sistemas de significação, ligamos uma série de fatos aparentemente desconexos, dando um sentido à realidade em que vivemos. Portanto, sem a construção e a ordenação cultural dos significados estaríamos perdidos. Eles são nossos mapas, nossos óculos. Ensinam-nos o que olhar, como ver e diferenciar as coisas, bem como o nome e a importância delas. Tudo isso é feito com a rede de símbolos que nos envolve. Dizer que o ambiente humano é simbólico é dizer que não nos defrontamos com os objetos, com a natureza ou com as pessoas senão por intermédio da rede simbólica que é a cultura. Ela é nosso meio ambiente. Sem ela somos como um peixe fora d' água.

Imagine como iríamos nos comunicar se não existisse esses sistemas simbólicos e seus códigos padronizados. Mas repare bem; Não se trata apenas de comunicação e formas de expressão. Mesmo para perceber e raciocinar, precisamos de sistemas simbólicos. Afinal, as sensações que nos chegam através de nossos órgãos sensoriais são filtradas, selecionadas, reconstruídas, classificadas e organizadas pelo sistema de significação de que nos valemos. Sem um mecanismo de decifração, de representação e de registro dificilmente conseguiríamos perceber e reter em nossas mentes o que vemos, ouvimos, cheiramos, provamos e tocamos. Por isso os códigos implícitos na língua falada são tão importantes.

Você quer ver um exemplo de sua influência na percepção auditiva? Pelo fato da língua portuguesa não ter o fonema *i* aberto ou fechado (temos *a, á, e, é, o, ó*, mas o *i* e o *u* não tem variância) nós, ao aprendermos a falar, aprendemos também a não diferenciar certos sons próximos ao *i*. Nossos ouvidos, diferentemente do dos russos, por exemplo, registram como *i* alguns sons parecidos com eles.

Com respeito à visão, podemos citar os diferentes tons de branco e as diferentes formas de neve percebidos pelos os povos vivem, como os esquimós, em ambientes gelados. A percepção deles é bem mais apurada do que a nossa. Ao aprenderem a língua deles, suas crianças aprendem termos específicos que os ajudam a distinguir e raciocinar sobre especificidades que nem percebemos.

Agora repare na dificuldade que temos de pensar e de falar com precisão sobre cheiros e sabores, isto é sobre sensações que nosso sistema lingüístico detalha pouco. As experiências visuais e sonoras são tão centrais na nossa cultura que temos uma dificuldade enorme de entender como os cegos percebem o mundo de uma outra forma, por exemplo, usando, em sua escrita, um sistema simbólico tátil: o código Braille. Esse código é representado com pontinhos em alto relevo, que nossos dedos não entendem, mas os dedos daqueles que têm dificuldade de visão entendem e fazem a leitura por meio deles. Os pontinhos representam letras que, por sua vez, representam sons.

Sem sistemas simbólicos como esses uma pessoa não terá como representar e reinterpretar o passado (e todas suas experiências acumuladas) nem especular sobre o futuro (e todas suas possibilidades), ficando bastante reduzidas suas possibilidades de desenvolvimento mental. Embora a capacidade de imaginar e de simbolizar se mantenha, aquele tipo de inteligência denominada raciocínio não se desenvolverá sem o domínio de ferramentas mentais como os conceitos abstratos.

Fazer hipóteses, pensar sobre possíveis implicações ou futuras implicações é algo que depende da abstração e de um sistema simbólico. Como planejar algo, senão trazendo à mente conceitos, esquemas mentais, imagens de possíveis situações futuras? Como pensar em equações tão abstratas como a equação $(2 - 4) \times 3 = -6$ sem um sistema de simbolização?

Com efeito, o uso de sistemas simbólicos, como exercício da escrita e de operações matemáticas, desenvolve a capacidade mental de efetuar operações. Uma pessoa que conhece formas de representação sonora, como a notação musical, desenvolve sua audição, pois os símbolos ajudam-na a perceber, representar e pensar as diferenças e as relações entre as notas e seus arranjos. A linguagem é um sistema simbólico que se estende sobre a vida social, classificando, codificando, transformando o sensível em inteligível.

A língua, um dos aspectos constitutivos da linguagem, possui um número limitado de sons funcionais; longe de utilizar todos os sons possíveis, ela agrupa os que efetivamente utiliza em unidades distintas umas das outras. Ela é parte essencial do patrimônio cultural de uma sociedade. É através dela que os indivíduos se expressam e expressam os seus valores, suas preocupações, seus pensamentos. A língua é uma escola de controle do pensamento e de si mesmo, uma disciplina social que testemunha a capacidade de adaptação ao meio. Aprender a falar é, para a criança, estabelecer um compromisso com seu meio. Os sistemas de comunicação não se esgotam em si mesmos. Eles expressam uma situação, conservam-na, reforçam-na e, além disso, mantêm os significados e valores expressos através dos símbolos da linguagem.

A língua pode ser considerada como um produto inconsciente do espírito humano. Somente através de seu estudo podemos entender como os homens pensam o que vivem e o que sentem; como eles expressam o universo e o social e como eles interpretam seus próprios saberes e fazeres. Suspeitando da existência de um vínculo profundo entre a estrutura da língua e a estrutura da sociedade, alguns antropólogos modernos tentaram estabelecer correlações entre as línguas e as outras manifestações culturais, como as regras de casamento e os costumes da vida econômica.

A sociedade intervém, desde o início, no mais íntimo de nossos julgamentos de valor, em nossas convicções aparentemente mais pessoais. A partir de contrastes e semelhanças simbólicas, os sistemas de classificação cultural produzem e ordenam sentidos e estabelecem valores. A língua, por exemplo, se estrutura, entre outras coisas, por pares de oposição e por campos semânticos, que estão impregnados de valores sociais e traços ideológicos, como, por exemplo, grande x pequeno, reto x torto, claro x escuro, alto x baixo, sagrado x profano. Podemos observar que os primeiros termos carregam uma positividade, ou seja, são bem vistos, e que os que lhe estão em oposição são comumente usados de forma pejorativa.

Até aqui estivemos tratando da linguagem como um sistema de representação comum a todos da mesma cultura, mas devemos nos lembrar que, assim como dentro de um grupo cultural há subgrupos, dentro de um sistema lingüístico há, muitas vezes, sistemas internos. Em função das diferentes idades, condições socioeconômicas, etnias, regiões e religiões há, dentro da mesma sociedade, diferentes tipos de cultura e subgrupos com universos simbólicos distintos e nem sempre convergentes.

Isso traz sérias complicações para os professores, pois a escola, ainda que sem ter consciência, acaba impondo ideologias e padrões dominantes, chegando a ponto de cometer violências simbólicas, isto é, atentados contra as culturas específicas.

Não é raro ver professores que, sem conhecer ou compreender a linguagem e o universo simbólico das crianças, se esforçam a todo custo para transformá-las. Ou então que, ao considerar a pessoa letrada escolarizada alguém “de nível mais elevado”, torna-se incapaz de compreender as riquezas das formas de pensamento e de expressão de daquelas pessoas que apreenderam e desenvolveram outras habilidades e saberes que não são priorizados nas escolas.

3. TRANSMISSÃO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL

Ao se relacionar com o meio ambiente, a humanidade criou as culturas. Por outro lado, as culturas criam os humanos, pois os indivíduos agem de acordo com os padrões do ambiente cultural em que se formam. Todos nós somos, ao mesmo tempo, produtores e produtos de cultura. Os seres humanos criam a cultura na relação uns com os outros; não só com as pessoas com quem têm contato direto, mas também com aquelas que nem chegam a conhecer.

O mundo cultural é um sistema de significados e costumes estabelecidos pelos indivíduos de uma sociedade. Ao nascer, a criança encontra um mundo de valores já definidos, no qual ela vai se situar. A língua que aprende, a maneira de se alimentar, o jeito de se sentar, andar, correr, brincar, o tom da voz nas conversas, as relações familiares, tudo, enfim, se acha previamente codificado. Até com referência à emoção, que pareceria uma manifestação espontânea, o homem fica à mercê de regras que dirigem de certa forma a sua expressão. Mas como aprendemos tudo isso se a maior parte dos padrões e regras não são nem explicitados?

Ora, a cultura é, de certa forma, uma ordenação invisível, pois muitos aspectos que direcionam nossos comportamentos não são evidentes. Suas regras não precisam ser escritas, como são as leis oficiais. Nem mesmo precisam ser conscientes ou racionais. As normas da cultura ficam implícitas nos símbolos manifestados. Aliás, alguns estudiosos dizem que quando as normas precisam ser escritas em forma de leis (ou como lista de *combinados* como fazemos quando lecionamos para crianças pequenas) é porque os mecanismos mais profundos da formação cultural não estão funcionando bem. Pois, se estivessem, as normas da nossa cultura estariam inscritas em nossos corpos, isto é, introjetadas de maneira que as sentiríamos como natural ou instintivo, como necessidades que precisamos realizar.

Na verdade, devemos considerar essas normas como algo que simplesmente não há como não seguir. Trata-se de padrões e valores que devem ser preservados e transmitidos por todas as instituições sociais, como a família, a igreja, a escola e quaisquer outras formas de organização. Não apenas nessas instituições, mas também pelos nossos hábitos, trabalhos, brincadeiras e conversas.

Uma das maneiras mais antigas de ensinar as coisas importantes em cada cultura são os mitos. Eles explicam as coisas importantes, geralmente contando como elas surgiram e o que sucedeu. Como tudo começou? Por que morremos e para onde vamos? Qual o sentido das coisas que fazemos? Por que temos que trabalhar? Como a linguagem surgiu?

Todos os povos têm histórias sagradas que falam de entes e forças sobrenaturais. Histórias que, há centenas de gerações, oferecem respostas a essas perguntas. Cada povo tem a sua história, que explica e cultiva seus deuses e seus costumes. A cultura brasileira herdou e absorveu parte da narrativa mítica do povo hebreu. A parte da Bíblia chamada Antigo Testamento é a transcrição de mitos judaicos que os povos cristãos adotaram. Os hindus

têm o *Marabahata*⁵. A história da guerra de Tróia é narrada em *A Ilíada e A Odisséia*. Elas contam o difícil retorno ao lar de um dos mais astutos guerreiros gregos e são as principais narrativas míticas do povo grego. Cada etnia africana e cada povo indígena da nossa terra tinha seus mitos. Destes, infelizmente, poucos são conhecidos. Por uma série de razões próprias da formação histórica do Brasil e também da indústria cultural, fomos muito mais influenciados por mitos da cultura europeia e de povos que viviam na Palestina do que pelos de nossos antepassados que por aqui viviam.

Os mitos explicam e ensinam as coisas que todos os membros de determinado povo devem saber, os cuidados que todos devem tomar, os valores que todos devem cultivar. Sua narração é geralmente poética e alegórica. Segue uma lógica diferente do discurso racional e conceitual, como o das ciências. Por causa disso, os mitos foram mal vistos. Embora se reconhecesse que foram os primeiros passos na explicação do mundo, achava-se que eram infantis, primitivos.

No entanto, hoje em dia, o mito é reconhecido como algo primordial e complexo. Ao contar as histórias de como tudo começou ou de como as coisas se tornaram o que elas são, ele explica os significados das coisas importantes do mundo, possibilitando nossa compreensão. Os mitos, sejam eles antigos ou contemporâneos (como os que envolvem os heróis de hoje em dia), situam o homem em seu lugar no universo graças a um sistema de referências no interior de um todo, cuja organização (cosmos) é afirmada e não apenas constatada. Eles definem o domínio e os objetos sagrados justificando, assim, proibições e preceitos.

A Antropologia leva os mitos a sério. Considera-os primordiais na formação de todo homem. O reconhecimento de sua complexidade é indispensável para que compreendamos os outros povos e nós mesmos. Pois mesmo no mundo atual, mantemos mitos e ritos mágicos. Como os mitos eram narrados e não escritos, a rima e o uso de imagens marcantes tornaram-se essenciais para que eles fossem mais facilmente entendidos e lembrados.

Outra importante forma de transmitir e manter a cultura são os ritos. Ritos são formas de vivenciar alguns momentos e significados dos mitos. São cerimônias nas quais se encena parte dessas histórias, mas também formas de celebrar valores e instituições sacralizados por uma cultura.

Também os ritos, que, como havíamos visto, são formas de vivenciar, simbolicamente, os momentos importantes da vida social e de expressar nossas apreensões e desejos, ajudam-nos a nos situar no mundo e a organizar nossas vidas. Eles marcam nosso tempo (com comemorações, por exemplo); delineiam nossa ocupação dos espaços (o que se deve ou não se deve fazer em determinados lugares); estabelecem posturas e papéis (como as hierarquias e os devidos respeitos) e as formas de reger nossas vidas (com seqüências de procedimentos que devemos seguir em cada situação). Procissões, batismos e formaturas guardam essas características. Celebrações são vivenciadas como rituais quando nos portamos de maneira diferente do que faríamos no cotidiano. Expressam, (com formalidades e cerimoniais) e atestam (com diplomas, por exemplo)

⁵ Se você quiser conhecer esta história maravilhosa, tente assistir os vídeos dos filmes *Marabahata* e *O pequeno Buda*.

que aquela é uma ocasião especial, sagrada.

Sagrado é o que é valorizado de maneira especial por determinada cultura. Algo que é considerado extraordinário, sobrenatural, às vezes divino. Destaca-se da paisagem comum e das coisas banais (profanas) e é reverenciado. A separação entre o sagrado e o profano é uma das formas básicas de organização de toda cultura. Ela estrutura comportamentos ao distinguir os mortais dos deuses imortais, as atividades corriqueiras daquelas fundamentais. Distingue objetos comuns daqueles extraordinários, carregados de significados, que condensam sentimentos especiais. Delimita dias e lugares especiais.

Repare, no entanto, como algo extraordinário ou sagrado pode ter também um sentido negativo. Uma figura terrível e ameaçadora, como, por exemplo, o diabo ou o bicho-papão, são símbolos de perigos e ameaças especiais. Um dia vivenciado como sagrado numa determinada cultura pode ser tanto uma data festiva, quanto um dia de pêsames, no qual se relembram dores e sofrimentos. A data é sagrada porque não é uma data qualquer. E, porque é importante deverá ser sempre lembrada e ensinada às novas gerações.

Para alguns povos a terra e os fenômenos naturais têm um significado que não têm para nós. Numa famosa carta escrita por um índio norte americano ao presidente de seu país, que queria desapropriar suas terras, lemos o seguinte:

Não vai ser fácil não. Porque esta terra é para nós sagrada. Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais. Se te vendemos a terra, terás de te lembrar que ela é sagrada e terás de ensinar a teus filhos que é sagrada e que cada reflexo na água límpida dos lagos conta os eventos e as recordações da vida de meu povo. O rumorejar da água é a voz do pai de meu pai. Os rios são irmãos, eles apagam nossa sede. Os rios transportam nossas cargas e alimentam nossos filhos. Se te vendemos nossa terra, terás de te lembrar e ensinar a teus filhos que os rios são irmãos nossos e teus, e terás de dispensar aos rios a afabilidade que darias a um irmão⁶.

Se a terra era sagrada mesmo e se sabia que o outro não respeitaria isso, alguém tinha de lutar por ela. O índio terá aprendido isso por meio das histórias e ritos de seu povo.

Chamamos de rituais de iniciação aqueles que marcam a passagem para uma outra situação no seio do grupo, como os que se realizam para que uma mulher seja considerada adulta, habilitada ou devidamente casada. Implicam quase sempre em provações para verificar se o indivíduo está mesmo preparado para o novo papel. Numa das culturas indígenas brasileiras, os meninos, para serem considerados homens de verdade, têm que experimentar o desafio de enfiar a mão numa cesta com milhares de formigas e agüentar as picadas. Ao manifestar a coragem, estarão prontos para enfrentar muitos outros desafios pois não esquecerão do que já foram capazes.

Esse exemplo pode parecer exótico, mas há, em nossas vidas, alguns rituais que têm sentido equivalente. Como exemplo podemos citar as situações que reforçam a distinção de papéis, momentos que relembram histórias e tradições. O vestibular, por exemplo,

⁶ A Carta do Cacique Seattle ao Presidente Norte-americano, de 1854, pode ser acessada em <http://forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/178091/>

ainda mais quando seguido das tarefas e provações que os universitários veteranos submetem os calouros, é um ritual de passagem. O nosso cotidiano é organizado numa seqüência de hábitos que também podem ser considerados como ritual. Exemplos desse tipo de ritual cotidiano encontramos nos usos diferenciados que fazemos do tempo, das roupas e das palavras, dependendo dos lugares aonde vamos e com quem estaremos lá.

Como os mitos, os ritos são importantes mecanismos na transmissão da cultura e na institucionalização de hábitos e valores. Através dos mitos e ritos os indivíduos aprendem e manifestam a intenção de cumprir aquilo que o grupo espera de cada um.

Existem muitas outras formas de se instituir e garantir a manutenção dos costumes. A escola é uma delas. As instituições são criadas para ensinar os indivíduos a cultivar os valores, conhecimentos e atitudes considerados importantes naquela cultura. Cabe a elas prepará-los para exercer as funções e comportamentos esperados pela sociedade.

Mas, os indivíduos não podem subvertê-los? Os povos não podem criar e cultivar novos comportamentos e valores? Afinal de contas, as culturas não se transformam?

No processo de transmissão cultural, há uma permanente tensão entre a manutenção de antigas tradições e a produção de novas. A tradição nos ajuda saber o que fazer, o que comer, como vestir, com quem casar, por onde ir. Mas, às vezes, aparecem situações diante das quais não temos como manter essas tradições. Muitas vezes enfrentamos situações em que elas nos parecem pesadas demais. Situações em que as tradições nos atrapalham e nos sufocam, dificultando nossa vida. Então, tratamos de alterá-las. Inventamos novas regras, adotamos novos significados e criamos novos símbolos. Muitas vezes sem nos darmos conta disso. Procurando reproduzir práticas supostamente cristalizadas no tempo e no espaço, acabamos produzindo versões modificadas.

Nem sempre percebemos as transformações culturais pois algumas levam mais tempo que nossas vidas. Mas, se refletirmos sobre o processo de transmissão cultural, veremos que ele se constitui de desobediência a algumas normas e reforma de outras; violação de alguns costumes e reafirmação de outros; transgressão de algumas proibições e produção de outras expectativas, buscando fazê-las com que se tornem uma tradição a ser respeitada.

Aliás, transgredir não é abandonar a tradição. Quando fazemos algo que sabemos que vai contra os costumes e nos envergonhamos e nos arrependemos, é um sinal de que, mesmo não tendo seguido o esperado, não estamos necessariamente desconsiderando as normas e prescrições estabelecidas. Às vezes, essa é uma maneira de reafirmá-las.

Mesmo coisas sem maiores conseqüências, muitas vezes passamos a valorizá-las depois de tê-las desconsiderado e desrespeitado freqüentemente. Por exemplo, o zelo de nossos pais por alguns hábitos – almoçar juntos aos domingos, visitar as tias e amigos deles – que achávamos uma chatice e sempre encontrávamos uma forma de escapar. Mas depois, quando nos tornamos pais, percebemos as coisas como eles nos falavam e retomamos então aqueles costumes. Estamos, assim, reafirmando a tradição.

Por outro lado, a inovação é a busca de outras soluções (técnicas, atitudes, comportamentos) que os antigos não tinham. É a manipulação adequada e criativa do

patrimônio cultural - conhecimento e experiências adquiridas pelas numerosas gerações antecessoras - herdado de cada cultura. Muitas inovações acabam entrando em conflito com os hábitos e instituições cristalizadas. Mas, à medida que vamos nos acostumando com novas técnicas, palavras e hábitos, elas vão sendo incorporadas em nossa cultura e fazendo parte dos nossos costumes. As instituições desse grupo cuidarão para que não sejam esquecidas. Muitas vezes, cuidarão também para que não sejam alteradas, modificadas ou substituídas por novas inovações.

Um outro ponto de destaque no processo cultural é que, embora dinâmico, ele é também duradouro. A cultura perdura no tempo. Ela sobrevive ao desaparecimento de indivíduos, gerações e grupos. Mas parte dela se modifica com os indivíduos, com as relações entre grupos de indivíduos e com as transformações das normas, hábitos e entendimentos que ocorrem com a sucessão de gerações. Como é que ela vai se adaptando e sobrevive de uma maneira transformada? Pense, por exemplo, num tipo de comida que emigrantes levam quando vão morar noutro país. Mineiros que vão para o exterior e querem fazer pão de queijo para comer e apresentar aos novos amigos. Às vezes alguém manda um pacote de polvilho ou conseguem encontrá-lo numa mercearia local, mas na hora do queijo tem que se virar com algo parecido ao queijo canastra. Eles vão acabar apresentando aos seus amigos nativos do país estrangeiro, como algo típico de sua terra natal - um pão de queijo mineiro adaptado. Eles próprios acabam se habituando com uma nova forma de prepará-lo e, talvez, quando voltarem a viver no Brasil, procurarão fazer da forma como se habituaram lá.

Essa dinâmica de mistura e recriação é mais visível ainda na língua do dia a dia. Gírias ou palavras estrangeiras são apropriadas, transformadas e difundidas com novos significados. Palavras norte-americanas vão sendo cada vez mais incorporadas em nossa linguagem. O uso delas parece conferir *status* (olha aí uma palavra estrangeira!) aos usuários. Assim falamos em *shopping center* ao invés de centro comercial. O curioso é que muitas palavras adquirem um sentido inteiramente novo. Por exemplo, os termos *playboye outdoor* não possuem em inglês o significado que lhes damos no Brasil.

A dinâmica da mistura e da recriação cultural pode ser vista como um ensopado no qual se colocam diversos ingredientes e que na hora de servir cada legume absorveu um pouco o gosto do outro. Sem tirar a caldeira do fogo, vai se acrescentando mais água e novamente ingredientes, só que noutra proporção e com novos temperos. A mistura já foi muito mais lenta em outras épocas. Os condimentos da sopa quase não variavam. Alguns povos que vivem em terras afastadas dos grandes contingentes humanos, ou que por diversas razões estiveram ao longo da história fora das rotas migratórias, como os islandeses, permanecem ainda muito pouco misturados.

Nas Américas se misturaram várias culturas nativas com a dos colonizadores europeus (de sabores variados) com a dos povos vindo da África como escravos, com porções de orientais e boas pitadas das de árabes e de judeus. Repare que essas são denominações geográficas, cada uma englobando uma diversidade de povos com línguas, deuses e costumes específicos. Implícita nesta caracterização de etnias por regiões estava a idéia de que as características dos ambientes naturais foram determinantes na configuração das respectivas culturas. Por exemplo, afirma-se, às vezes, que o frio fez que os povos da

Europa fossem compenetrados e trabalhadores enquanto aqueles que viviam entre os trópicos eram mais preguiçosos, pois as condições ambientais tinham lhes facilitado a vida deixando-os, no entanto, menos preparados para tempos difíceis.

Mais comum do que vincular diferenças culturais com condições geográficas foi pensá-las como resultados de determinantes biológicos. Assim, constituição corporal, como altura, gênero, tamanho do crânio, bem como aspectos físicos, como a cor da pele, eram considerados como explicação de diferenças culturais. Aliás, ouvíamos com certa frequência que ciganos são nômades por instinto, judeus têm tino comercial, japoneses são naturalmente trabalhadores e portugueses burros. Crenças em diferenças raciais fundamentam os racismos que embasaram (e ainda o fazem) muitas barbáries ao longo da história.

Para evitar a conotação biológica que o uso da noção de raça trazia e os equívocos perversos a que se prestava, fala-se hoje em diferenças étnicas. A noção de etnia ressalta que as diferenças entre os povos não são biológicas, mas de história, de valores cultivados por um grupo, ou seja, sua cultura.

Estudos acerca das diferenças raciais davam um ar científico às pretensões de estabelecer superioridade de um povo sobre outro, de justificar discriminações e programas eugenistas. Tais programas pretendiam usar o conhecimento dos determinantes raciais para purificação e melhoria das sociedades. Eugenia quer dizer boa geração, melhoramento das sementes, da prole ou da espécie. A eugenia pode ser assemelhada ao cuidado com o cultivo de boas safras, que vimos fazer parte da idéia de cultura.

A questão da eugenia tem sido muito discutida em virtude das novas possibilidades abertas pelo desenvolvimento da engenharia genética. A polêmica é enorme, mas não é nova. Projetos e algumas práticas eugenistas já vêm de longa data. Quase sempre pensadas e implementadas a partir da idéia da superioridade de uma raça, ou de uma casta sobre outra. Foi assim na época do nazismo, na metade do século vinte. Os alemães julgaram que a sua *raça ariana* era superior às demais e, portanto, destinada a dominar o mundo. Procuraram, então, purificar a Europa, evitando o contato com judeus e ciganos, que eles viam como raças inferiores, e depois exterminando-os. As feridas ainda não cicatrizadas desse massacre terrível assustam ainda mais quando descobrimos que não foi o único genocídio.

Extermínios em massa de povos considerados inferiores ocorreram também aqui no Brasil. Menos documentado, e mais distante da cultura oficial, o terror dos povos indígenas e dos africanos escravizados não foi menor. Se não foram deliberados como na época do nazifacismo, ou como recentemente na Croácia, ocorreram com base em raciocínios parecidos: *Eles não são gente ; São uns selvagens que não sentem como nós; Não são gente que preste ou que mereçam nossa solidariedade. Seja como for, a Antropologia vem há muito insistindo que diferenças genéticas não determinam as diferenças culturais. E, nos últimos anos, com o mapeamento genético, descobriu-se que apenas uma parte insignificante de nossos genes responde pelas diferenças corporais. Isso significa que nossas diferenças genéticas são irrisórias.*

É certo que o uso da noção de etnia, no lugar da noção de raça, não resolve o problema de incompreensão, dos preconceitos e dos conflitos entre os povos. Mas temos a esperança de que, ao se reconhecer que as diferenças são apenas culturais, os conflitos sejam resolvidos nesse terreno cultural.

Mudanças de hábitos, de valores e reformas educacionais foram propostas como melhoria da sociedade. Projetos modernos de sanear as cidades e de racionalizar os costumes previam um desenvolvimento cultural. Medidas de saúde pública (como a vacinação obrigatória), novas formas de organização social (como o isolamento daquelas pessoas tidas por loucas) e a laicização da escola pública (transferindo a formação religiosa para a esfera familiar) tinham esse sentido.

Várias dessas transformações foram, e algumas ainda são, muito polêmicas. Quase sempre atropelam os modos de vida e valores diferentes daqueles que estão implementando as reformas. Quando uma nova mentalidade é instituída e incorporada na sociedade, ela parece ser a coisa mais natural, como se resultasse de um desenvolvimento histórico harmônico. Mas raramente é assim. A transformação de costumes arraigados encontra sempre resistências. A propósito, você sabia que houve aqui no Brasil muito protesto e revolta no início do século XX contra as campanhas de vacinação pública e adoção do sistema métrico decimal?

É fundamental que educadores reflitam sobre o processo de transmissão e transformação da cultura. O que está em jogo na manutenção e transformação das tradições e nas ressignificações? Como é que se transmitem, muitas vezes sem se perceber, conhecimentos e valores? Como se aprende a cultivá-los? Tais questionamentos favorecem uma melhor compreensão das práticas pedagógicas.

3.1. DIFERENÇAS E CONFLITOS CULTURAIS

É muito comum pensarmos que o resto do mundo é ou deveria ser como nós. Em geral, achamos que nossos deuses são os únicos realmente verdadeiros, que nossos costumes são os mais razoáveis e que nossas instituições são as mais adequadas.

Desse modo, aceitamos tranquilamente que alguns aspectos sejam considerados como meras variantes culturais. Mas quando se trata das características culturais que nos são básicas, aquelas mais arraigadas, aí a história é outra. Quem não fica incomodado quando vê seus princípios e valores sagrados sendo desrespeitados? Quem não se indigna ao saber que atitudes que nos parecem condenáveis e repulsivas, como o canibalismo ou decepar as mãos de um ladrão, possam ser vivenciadas por outro grupo como virtude e boa educação?

Diversos povos de diferentes épocas e lugares tinham ou têm formas de vida tão distintas que, às vezes, temos dificuldade de imaginar como puderam viver daquele jeito. Estamos tão habituados com nossa cultura que achamos que nossos costumes são naturais, que eles valem em toda parte. Isso dificulta a compreensão do outro e de nós mesmos. O conhecimento de outras culturas e a relativização da nossa são muito importantes para a compreensão de nosso modo de vida e para a educação. Isso faz com que se dê mais atenção à multiplicidade cultural e aos conflitos que ela envolve.

No entanto, apesar de tantas diferenças, quase sempre reconhecemos características comuns. Pense, por exemplo, no cultivo das novas gerações. Ainda que das formas mais variadas, as crianças são preparadas pelos mais velhos para a vida no grupo. Por maiores que sejam as diferenças, sempre há regras que estruturam e organizam a vida social, com a distribuição de papéis e de atividades. Todas as culturas procuram, por exemplo, dar um sentido especial para morte de seus membros.

Uma das mais antigas e difundidas teorias sobre a natureza humana é aquela que concebe o homem como um animal dotado de razão: o animal racional. Isso significa que o resto do reino animal não pensa, ou pelo menos não pensa como nós. Essa teoria considera ainda que a capacidade de raciocínio é natural no homem.

A definição do homem como animal racional surgiu na Grécia, uns quatrocentos anos antes de Cristo e, desde então, foi incorporada pela chamada cultura ocidental. Por razão, considera-se não só a capacidade de resolver problemas e inventar soluções práticas – pois isso chimpanzés e golfinhos também fazem – mas fundamentalmente a capacidade de teorizar e de refletir. O raciocínio é, a grosso modo, uma atividade mental que transcende a percepção sensorial. Uma atividade que abstrai as situações concretas e articula, de maneira lógica, as representações mentais que cria. Na nossa tradição ocidental, essa atividade racional foi vista como fundamental, a ponto de ser divinizada. Concebida como um valor universal da espécie humana, ela se tornou um ponto de honra e serviu para maltratar as culturas (*irracionais* ou *primitivas*) e as pessoas (*loucas*) que não a manifestavam.

Mas, se a capacidade racional era uma característica comum a todos os homens, como explicar por que tantos povos adotavam comportamentos absurdos ao invés dos modos de vida do europeu civilizado? A resposta *encontrada* foi que se tratava de um processo histórico de desenvolvimento da civilização. A diversidade foi então *explicada* como desigualdade de estágios existentes no processo de evolução. Mas foi *encontrada* e *explicada* na perspectiva da cultura europeia e acabou se espalhando por quase todo o planeta. Assim a maioria dos outros povos acabou absorvendo costumes, mitos, padrões lógicos e ideais europeus.

Hoje em dia, fala-se de uma certa crise em torno de alguns desses valores. Mesmo assim, diversos aspectos daquele patrimônio cultural são cultivados em toda parte. Como abrir mão, por exemplo, da democracia e da ciência? No entanto, mesmo nos reconhecendo como herdeiros dessa tradição, dá para perceber como tal visão de mundo era eurocêntrica, ou seja, o modelo de humanidade concebido como sendo universal era o homem branco europeu.

Sabemos que os valores e a visão de mundo dos grupos mais poderosos tendem a se sobrepor sobre os demais. Denominamos de processo de aculturação a perda de determinadas culturas, seu sombreamento por outras. Mas é curioso ver que, mesmo quando há mecanismos para silenciar culturas nativas, como nas experiências de colonização, muitos aspectos da vida dos povos colonizados e reprimidos são cultivados clandestinamente ou encontram formas de sobreviver. É o que ocorre no sincretismo, por exemplo, no qual se fundem elementos culturais diferentes. Assim, por exemplo, os escravos, proibidos de cultuar suas divindades e de exercer sua religião, estabeleciam

correspondências com os santos admitidos pelo catolicismo. Adotavam as novas imagens e seus nomes e continuavam lidando com as entidades e liturgia de suas religiões de origem, como o candomblé.

O etnocentrismo - a perspectiva em que se coloca determinada etnia no centro - é algo bem mais amplo do que uma mera ilusão equivocada de nossos ancestrais. O etnocentrismo é comum a todas as culturas. Somos todos etnocêntricos! Se você prestar atenção, verá que em qualquer narrativa mítica antiga – seja a Bíblia, o Marabahata ou mitos de origens dos povos indígenas do Brasil - o povo que conta a história é o herdeiro dos deuses. Cada povo acha que é o principal, que sua língua e seus costumes são os normais. Em torno de seu eixo estariam as outras, que deveriam reconhecer isso. Seria então o etnocentrismo uma característica da natureza humana? Consideramos que não, porque ela pode ser abandonada como forma de ilusão, quando analisada criticamente.

Mas ainda que possa ser visto como algo ingênuo, isso está profundamente enraizado na maioria dos homens de todas as culturas. O etnocentrismo é um grande dificultador na compreensão das outras culturas e da nossa própria, pois achamos que são universais (isto é, natural do ser humano) os costumes e valores que foram inventados e cultivados por nosso povo ou por nosso grupo social.

Há uma clara semelhança entre essas percepções e a impressão das crianças pequenas de que o mundo começou quando elas nasceram. Por isto se diz brincando: “ Todo menino é um rei. Eu também já fui rei. Mas despertei”. A coisa mais comum é achar que sua casa é o centro do mundo.

O despertar é algo frustrante, pois revela algumas de nossas ilusões. A descoberta de que com os outros sujeitos e outros povos se passam coisas semelhantes as que acontecem conosco nos leva a um certo descentramento. A impressão de que estávamos no centro do mundo vai por água abaixo. Passamos a ter consciência de que o que víamos como óbvio ou natural não é mais que um ponto de vista. O que equivale a uma relativização dos conhecimentos, dos hábitos e dos valores que cultivávamos. É um processo enriquecedor, mas que não é nada fácil.

Na inter-relação com os outros, somos levados a nos perceber de uma outra forma, isto é, a encarar a maneira como os outros nos vêem. Relutamos, é claro, a enxergar que as certezas e os padrões que utilizamos são relativos à nossa cultura apenas.

Veja como o chefe da tribo Tiavéia, das ilhas polinésias, nos descreve:

O Papalagui (que é como ele nos chama) pensa de modo estranho e muito confuso. Está sempre pensando de que maneira uma coisa pode lhe ser útil, de que forma lhe dá algum direito. Não pensa quase nunca em todos os homens, mas num só, que é ele mesmo. Ele diz: 'a palmeira é minha', só porque ela está na frente da sua cabana. É como se ele próprio tivesse mandado a palmeira crescer. (...) 'Lau' em nossa língua quer dizer 'meu' e também 'teu'. É quase a mesma coisa. Mas na língua do Papalagui quase não existem palavras que signifiquem coisas mais diversas do que 'meu' e 'teu'. 'Meu' é apenas, e nada mais, o que me pertence; 'teu' é só, e nada mais, o que te pertence. É por isto que o Papalagui diz de tudo quanto existe por perto da sua cabana: 'É meu'. (...) 'Não pegues no que é meu!' Mas se pegares, te chamarão gatuno, o que é uma

vergonha muito grande, e só porque ousaste tocar num 'meu' do teu próximo.”
(SCHEURMANN, s/d, 55)

Não é difícil nos reconhecermos nessa descrição. Só mesmo tendo uma visão de fora para nos darmos conta de que o que nos parece tão natural, como nosso direito à propriedade de uma árvore que está em nosso quintal, está relacionado com os costumes e com uma linguagem que outros povos não cultivam.

Por outro lado, podemos observar que é sempre a partir de sua própria cultura que um indivíduo ou um povo percebe o outro. Essa é uma das questões que a antropologia procura estar sempre atenta para que suas interpretações sejam o menos etnocêntrica possível. Por isso, ao descrevermos uma pessoa, acabamos revelando sempre nos próprios.

No filme *Passageiro profissão repórter* há um diálogo exemplar a esse respeito. Um europeu está viajando pelo norte da África e encontra-se com um líder de um movimento rebelde para entrevistá-lo. Ele queria entender e divulgar os motivos que levavam aquele povo a se rebelar não só contra o governo colonialista, mas também contra a cultura européia. Faz, então, uma série de perguntas e filma o africano, que reage mansamente, virando a câmara para o entrevistador e dizendo assim: -“as perguntas que você me faz falam mais sobre você, do que as respostas que eu daria falariam sobre mim”.

A circularidade dessa interpretação mostra como nosso horizonte de compreensão é condicionado por nossos pressupostos. O nome já diz bem: suposições prévias. Certamente, um ponto de vista difícil de ser suplantado, pois, por sua vez, o exame desses pressupostos pressupõe outros. E por aí se segue, andando em círculos. A dificuldade para entender alguém que não compartilha da mesma cultura está intimamente relacionada com uma limitação básica do conhecer. Sempre que tentamos compreender o desconhecido, o fazemos a partir do que conhecemos. O novo é compreendido somente a partir de analogias, traduções e paralelos com os modelos e experiências de que dispomos. Por isso, dizemos que as coisas não fazem o menor sentido quando não há paralelos ou traduções possíveis. Às vezes, simplesmente não entendemos a visão de mundo do outro.

O grande desafio da antropologia persiste em tentar compreender o outro para alcançar uma melhor compreensão do que é o ser humano e o que significa nosso modo de vida. “É somente pela compreensão das outras culturas e das outras sociedades que se pode chegar a ver a sua própria numa perspectiva justa – compreendendo-a então em relação à totalidade das experiências humanas” (EVANS-PRITCHARD, 1978, 54).

Mas o que seria uma perspectiva justa? Quando se alcança a imparcialidade e o distanciamento crítico que ela demanda? Não há, no descentramento buscado, o perigo de tornar-se estrangeiro em sua própria pátria? A inclinação cosmopolita não significa a perda de nossas raízes? O poeta português Fernando Pessoa tratou dessa inquietação numa famosa poesia em que mostrava como que, para cada um de nós, determinadas coisas podem ter mais importância do que coisas que são apreciadas por todo mundo.

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia.
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia. (...)
O Tejo desce de Espanha. E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai. E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia...

(PESSOA, 2001, 215)

Ser cidadão do mundo não implica abandono das raízes profundas e ou da identificação cultural. Pois as questões locais nunca estiveram desligadas das questões de todo o mundo. O rio de nossa aldeia é nosso caminho de ligação com o grande mar. E o olhar antropológico é uma das formas de conhecer melhor essa ligação, levando-nos a nos aventurar no grande mar e nas fontes dos rios que o alimentam.

Voltar-se para a realidade com um olhar antropológico ou etnográfico é observar os diversos símbolos da cultura. É analisar os ritos, cerimônias e hábitos que expressam a visão de mundo de determinado grupo. Tentar entender como se organizam os grupos, o que cultuam. Procurar interpretar detalhes e não simplesmente dar ouvidos às explicações gerais fornecidas, pois os enunciados, muitas vezes, encobrem intenções e significados ocultos. Percebemos isso facilmente no choro de uma criança que reclama de dor ou machucado, mas que muitas vezes está apenas querendo chamar a nossa atenção. Ao invés de dizer: -“Poxa! Olhe para mim um pouquinho”!, ou pedir formalmente para que compartilhemos de seu momento difícil, ela simplesmente chora. Adultos também fazem a mesma coisa. Mas à medida que vamos crescendo, vamos aprendendo também (repare que este ensino é sutil) formas de dissimular nossas intenções. Às vezes dissimulamos tão bem que enganamos até nós mesmos.

Todos os atos humanos significam algo. Costumam a ter mais do que um único significado e por isso precisam ser interpretados. Contudo, é difícil decifrar um ato sem levar em conta vários outros aspectos do contexto. Um bom professor precisa não apenas dos conhecimentos fornecidos pela antropologia como ciência, mas também das estratégias interpretativas do antropólogo. Uma delas é o distanciamento crítico: procurar ver a cultura, mesmo a nossa, com o olhar de um estrangeiro (melhor ainda: o de um extraterrestre!). Em outros termos: tentar ver como exótico aquilo que nos é familiar. A outra estratégia é a sua inclinação compreensiva, no sentido de compartilhar do ponto de vista do outro; experimentar seus valores para ver como as coisas ficam na sua perspectiva; tentar compreender uma determinada cultura de dentro, como se dela fosse nativo, ou seja, tornar familiar o que parecia exótico. Por fim, essas estratégias interpretativas parte do pressuposto de que os fatos não são evidentes nem têm um sentido único, mas sim um fluxo de significações. Assim, além do aspecto infundável que esse tipo de análise impõe, o professor deve ter também a consciência de que essas estratégias não lhe fornecerão jamais certezas.

3.2. ESTRANHAMENTO E IDENTIFICAÇÃO CULTURAL

A percepção da individualidade (de uma pessoa ou um grupo) nasce com o reconhecimento que o outro é diferente (de mim ou nosso grupo). Geralmente, é quando algo estranho nos chama atenção no comportamento do outro que tomamos consciência de que nós não somos iguais, que somos diferentes. Só então reparamos como sendo *nossos* os hábitos, valores e tradições que seguimos.

A diferenciação já é uma forma de identificação. Sem o outro não sou eu, não me reconheço. Conheço-me conhecendo o outro e só compreendo o outro quando me compreendo. Isso vale tanto para os indivíduos como para os grupos sociais.

Nossos símbolos expressam essas diferenças. Eles são uma forma de nos reconhecermos e de nos diferenciarmos daqueles que não compartilham de nossos valores e costumes. Os símbolos - sejam utensílios ou apetrechos (como alianças), jeitos de falar ou sinais corporais - estampam nossa pertença e adesão a uma determinada tradição. Muitas vezes, eles não fazem qualquer sentido para os outros. Mas, para nós significam a manutenção de nossa cultura.

Como expressão visível de crenças, padrões morais ou estéticos, os sinais simbólicos servem como identificador do grupo, tanto interna quanto externamente. Assim, por exemplo, a circuncisão (corte do prepúcio) é a forma com que os judeus sinalizam um vínculo sagrado e a manutenção dele por seus descendentes. Mas, durante a Segunda Guerra Mundial, era um dos aspectos que os nazistas usavam para discriminá-los. Embora não tenha a dimensão sagrada da circuncisão ou das marcas que alguns povos indígenas talhavam em suas peles, o *piercing* é como muitos jovens de hoje procuram expressar sua identificação com um grupo de atitudes.

Ao interpretar nossos comportamentos culturais, alguns antropólogos afirmam que várias de nossas atitudes manifestam a busca de identificação e diferenciação. Ou seja, nossa profissão, nossa posição política e nosso padrão estético são expressões de que nos valem para nos identificar com um grupo de pessoas e de valores e diferenciar de outros. Quem segue determinada moda de vestir, por exemplo, o faz aparentemente porque gosta. Mas por detrás desse gosto, há a vontade de ficar parecido com determinadas pessoas e não ser confundidos com outras.

Mas, nem os padrões nem os significados e nem os grupos que os adotam são imóveis. Pelo contrário, a transformação é contínua e suas múltiplas significações são intercambiáveis. Por isso é muito difícil defini-los ou nomeá-los. Toda cultura é uma mistura. Mesmo dentro de uma etnia, diferentes experiências de várias gerações se misturam. Além do mais, as etnias se mesclam. A mistura de etnias é mais visível em alguns lugares (como nas Américas) e em épocas como a nossa, em que os meios de transporte e de circulação de informações aceleram os intercâmbios. Como diz o poeta e músico Arnaldo Antunes, somos inclassificáveis. “Que preto, que branco, que índio o quê? Aqui somos mestiços mulatos cafuzos pardos mamelucos sarará crilouros guaranisseis judárabes orientupis iberibárbaros ciganagôs tupinamboclos⁷”. Pois, como referir a um filho de um judeu com uma árabe e à mistura de sangue de um chinês com uma

⁷ A música do CD *Silêncio se chama Inclassificáveis*.

tupinambá, senão misturando também os nomes daquelas correntes sangüíneas?

Assim como as línguas misturam termos de diferentes origens, quase todos os aspectos das culturas contemporâneas seguem conjugando tradições diferentes, sobrepondo perspectivas e gerando novos valores. As diferenciações entre as etnias, entretanto, não apenas têm o sentido de rotular ou estigmatizar. Elas têm servido também na sedimentação de identidades e reconstrução de caminhos. A revalorização de aspectos culturais que vinham sendo menosprezados pela cultura oficial se torna, às vezes, importante na luta pela diminuição das desigualdades políticas e econômicas. Foi assim em lutas contra os colonizadores em diversas partes do mundo. O reconhecimento de direitos das chamadas minorias (que às vezes são majoritárias), como as mulheres, os negros, os homossexuais, dependeu de movimentos sociais e manifestações culturais que realçavam a importância de valores esquecidos. Esses movimentos resgataram sua dignidade com histórias que não haviam sido contadas e a beleza de traços culturais nunca antes bem retratados.

O simples reconhecimento desses direitos quase nunca é suficiente para a mudança dos hábitos. Preconceitos arraigados podem levar algumas gerações, até serem de fato abandonados. Diante disso, muitos países têm buscado implementar leis que efetivem a reversão desse quadro. São as chamadas políticas ou ações afirmativas, que buscam garantir uma proporção mínima das vagas de um concurso para etnias que historicamente foram marginalizadas.

A dinâmica cultural contemporânea é extremamente complexa e, às vezes, contraditória. Em meio à tendência geral da globalização, surgem diversos movimentos de reafirmação de etnias minoritárias, que insistem na identificação das fronteiras de suas respectivas identidades culturais. Há tentativas que buscam resgatar tradições antigas praticamente perdidas, como o movimento separatista dos bascos na Espanha, e outros que manifestam violenta rejeição à cultura dominante, como algumas seitas religiosas que lutam no Irã contra a influência ocidental. A defesa enfática da cultura nacional e a resistência radical à moda e aos produtos estrangeiros são vistas como um tipo de xenofobia, isto é, uma aversão ao que é estrangeiro.

Quando se fala em cultura dominante é preciso ter em mente que dentro de nossas sociedades há desigualdades sociais: grupos e classes com condições econômicas desiguais e interesses muitas vezes conflitantes. As diferenças culturais sobrepõem-se e confundem-se com as desigualdades sociais. Os padrões culturais das classes com maior poder político e econômico são sempre os mais propagados e há várias formas de coerção para que seus valores e costumes sejam adotados por toda a sociedade. Assim, manifestações culturais das classes pobres são muitas vezes malvistas e até mesmo condenadas pelas elites. O samba, por exemplo, já foi considerado caso de polícia e tocar violão era algo que, até o início do século XX, desonrava os membros da elite dominante.

É fácil perceber como os novos meios de comunicação trazem, juntamente com a maior circulação do conhecimento, uma padronização da informação. Nesse processo as diferentes perspectivas vão se perdendo, vai tudo ficando mais ou menos com a mesma cara. Por outro lado, há muitas pessoas que garantem que a ampliação do acesso ao

conhecimento, propiciada pelas novas tecnologias, e a circulação de informações, advindas das mais distantes culturas, são fatores altamente promissores.

Hoje em dia fala-se muito de pluralismo cultural ou multiculturalismo como afirmação da diferença cultural e como uma deliberada recusa à hierarquização etnocêntrica das culturas. Considera-se, então, que cada grupo cultural tem direito a conservar e a desenvolver a sua cultura e a educar-se com base nos próprios valores e conhecimentos culturais em igualdade de condições.

Todavia, a perspectiva multiculturalista não significa necessariamente interação. Ela pode ser simplesmente a convivência pacífica e respeitosa com o diferente, mas sem disposição de interação. Ou seja, o ajuntamento de culturas múltiplas no interior duma sociedade, sem comunicação entre elas, permanecendo cada uma apartada da outra.

A nosso ver, o pluri ou multiculturalismo é um grande passo, pois já implica reconhecimento e respeito da diferença. Mas, conforme observam alguns autores, essa posição é insuficiente, pois não garante o intercâmbio entre as culturas e referenda a manutenção de isolamentos indesejáveis, como os guetos ou alguns novos condomínios nas grandes metrópoles.

O que diferencia então o interculturalismo do multiculturalismo? O prefixo *inter* coloca a tônica nas trocas entre as culturas, nos cruzamentos, nas conexões, articulações, comunicações, diálogos, onde cada uma pode se beneficiar da outra. Enquanto o termo multicultural é puramente descritivo, isto é, descreve a realidade das sociedades nas quais coexistem diferentes culturas, o termo *intercultural* é normativo, pois se refere a um processo de intercâmbio e interação comunicativa que seria desejável nas sociedades multiculturais.

Quanto ao nível social, a interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diversidade e à luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social e tentam promover relações interativas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes. Nesse sentido, trata-se de um processo permanente, sempre inacabado, marcado pela intenção de promover uma relação de diálogo e democrática entre as culturas e os grupos *fechados* e não de estabelecer, unicamente, uma coexistência pacífica num mesmo território.

Já o interculturalismo parte de um conceito de cultura mais dinâmico, que permite o intercâmbio e o diálogo entre os grupos culturais e seu mútuo enriquecimento. Não considera nenhuma cultura como superior a outra e com direito a dominá-la, mas tampouco compartilha com os relativistas a consideração de que todas as culturas têm igual valor. Sugere uma contínua reflexão crítica sobre os elementos culturais, começando pelos de sua própria cultura, para ir desterrando todos aqueles valores que entram em conflito sério com valores humanos universais que devem ser compartilhados por todas as culturas. Para tal, se torna absolutamente necessário um diálogo contínuo sobre os valores interculturais. Essa perspectiva considera a diversidade cultural não como um problema, mas como algo positivo, isto é, como expressão da riqueza da espécie humana. Deveríamos então, buscar elementos que facilitem o entendimento intercultural e potencializem as culturas dos distintos grupos.

4. CONCLUSÃO

Em geral, o que nos chama atenção nas culturas são as diferenças, o exótico, o incomum. Mas, como vimos, a cultura é muito mais que isso. Todas nossas idéias, nossa língua, as nossas crenças, nossos conhecimentos, técnicas, artes, leis, hábitos e instituições são parte de nossa cultura. Elas compõem a teia de significação que nem percebemos porque através dela é que aprendemos a ver e diferenciar as coisas e seus significados. Por isso, dizemos que o ambiente humano é simbólico, pois não nos defrontamos com os objetos, com a natureza ou com as pessoas senão por intermédio da rede simbólica, que é a cultura.

Neste texto, falamos muito da cultura num sentido amplo, de transmissão e produção material e mental. Mas vimos também que dentro da mesma cultura podem existir várias culturas com hábitos e costumes próprios. As sociedades, principalmente as contemporâneas, não são um todo homogêneo. Elas são complexas, compostas por grupos com diferentes origens, histórias, ambientes e padrões. Esses grupos podem ser interpretados como pequenos mundos, já que algumas vezes possuem uma unidade própria de valores e padrões de comportamento. Tanto é assim que, nas grandes cidades, fala-se em tribos urbanas e submundos.

Atentar para as diferenças culturais e buscar entender seus processos de formação é uma boa forma de compreendermos nossa vida e nossa sociedade. Se isso pode ser valioso e recomendável para todas as pessoas, para os educadores, a nosso ver, isso é fundamental. Portanto, compreender a dinâmica de transmissão e transformação cultural é um dos grandes desafios que todos professores têm de enfrentar.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria. L. *Filosofia da educação*. São Paulo: Editora Moderna, 2000.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- AZCONA, Jesús. *Antropologia I – História*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CASSIRER, Ernest. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Antropologia social*. Lisboa: Editora 70, 1978.
- GEERTZ, Clifford *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- PESSOA, Fernando. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.
- RODRIGUES, José Carlos. *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achimé, 1983.
- SCHEURMANN, Eric. *O Papalagui. Comentários de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa, nos mares do sul*. São Paulo: Marco Zero, s/d.
- STORT, ELIANA. *Cultura, imaginação e conhecimento*. Campinas: Unicamp, 1993.

Orientação de Estudo



ATIVIDADE 1

Com base no texto, caracterize Antropologia explicitando seu objeto de estudo e a sua importância para compreensão do ser humano e para a educação.

ATIVIDADE 2

O que é cultura? Veja algumas definições de cultura. Assinale aquelas que não correspondem ao texto.

- A) A cultura é um processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar.
- B) A cultura é o conjunto de regras e padrões de comportamento de que temos consciência.
- C) A cultura é aquilo que liga os homens, são as idéias e padrões que eles têm em comum.
- D) A cultura de um povo é basicamente o conjunto de suas manifestações folclóricas, festas típicas e comidas pitorescas.
- E) A cultura é um sistema simbólico, são sistemas entrelaçados de significados, definições e sentidos usados por um grupo social.

ATIVIDADE 3

Processos de identificação e diferenciação são elementos centrais na formação cultural e em sua dimensão simbólica. Analise as observações a seguir e escreva à frente de cada uma delas V se for verdadeira e F se for falsa.

- () Nós nos diferenciamos de uns indivíduos ou grupos quando identificamos nossas características inatas.
- () A adesão a determinados padrões culturais expressa a identificação com um grupo social e a diferenciação ante outros grupos.
- () Uma identidade só pode ser demarcada e definida fora do sistema de relações da qual ela faz parte.
- () Nossos ritos e símbolos são uma forma de nos reconhecermos e de nos diferenciarmos daqueles que não compartilham de nossos valores e costumes.
- () Nós nos identificamos com um grupo social e nos distanciamos de outros quando temos consciência das razões que os diferenciam.

ATIVIDADE 4

Assinale na lista abaixo as sensações ou atividades que são naturais (N) no ser humano e portanto não variam de cultura para outra e as que são culturais. (C)

- () Reações impulsivas, como gritar quando tomamos um susto.
- () O batimento cardíaco.
- () Nosso gosto ou aversão por determinado alimento
- () O medo da morte.
- () Necessidade fisiológica de nutrição e excreção.
- () O prazer sexual.
- () Sensibilidade a estímulos nervosos, como uma alfinetada.

ATIVIDADE 5

Sobre os sistemas de significação, é incorreto dizer que:

- A) A partir de contrastes e semelhanças simbólicas, os sistemas de classificação cultural produzem e ordenam sentidos e estabelecem valores.
- B) Através dos sistemas de significação, ligamos uma série de fatos aparentemente desconexos, dando um sentido à realidade em que vivemos.
- C) A língua é um sistema de significação que nos ensina o que olhar, como ver e diferenciar as coisas, assim como o nome e a importância delas.
- D) Sem um sistema de significação uma pessoa pode perceber e pensar sobre o mundo mas não terá como representar e transmitir essa experiência.
- E) Há diferentes universos simbólicos dentro da mesma sociedade.
- F) A linguagem é um sistema simbólico que permeia a vida social, classificando e codificando o inteligível e transformando-o em sensível.

ATIVIDADE 6

A Antropologia da Educação sugere algumas estratégias para que consigamos superar nossos preconceitos. Assinale as alternativas abaixo que retratam algumas dessas estratégias.

- A) Colocar nossos alunos em contato com os mais diversos tipos, que vivem em culturas diferentes e praticam as mais diferentes atividades.
- B) Evitar grupos heterogêneos de professores com formação e experiências profissionais muito diversas.
- C) Ampliar a perspectiva de nossos alunos e o nosso próprio o “olhar”, por meio de experiências culturais cada vez mais globais.
- D) Reconhecer que as novas teorias são mais corretas e procurar isolar os professores que tem uma perspectiva tradicional, etnocêntrica e retrógrada.

ATIVIDADE 7

Escreva a letra T nas situações em que participamos das transformações culturais e a letra M nas situações em que participamos da manutenção da cultura.

- () Quando adaptamos para as condições locais um costume de outra região.
- () Quando respeitamos as atividades constituídas.
- () Quando usamos as palavras de maneira como as aprendemos desde crianças.
- () Quando inventamos um novo uso para um objeto antigo.
- () Quando nos indignamos contra as imoralidades.

ATIVIDADE 8

De acordo com o texto, coloque V nas afirmativas verdadeiras e F nas falsas.

- () O mundo cultural é continuamente transformado pelos seres humanos.
- () Nem todas as pessoas participam dos processos de transmissão e transformação da cultura no tempo.
- () A história é a transformação da cultura no tempo.
- () Toda ação inovadora da cultura é consciente.
- () Quem se ocupa da manutenção da tradição são os conservadores.
- () A transformação cultural é sempre um processo evolutivo e purificador.

RESPOSTAS

ATIVIDADE 1

A Antropologia é o estudo do homem. Ela procura compreendê-lo na sua relação com a cultura. É importante para compreensão do ser humano e de sua formação cultural. É fundamental para a educação pois engloba o ensino, a aprendizagem de hábitos, valores, atitudes e conhecimentos, no decorrer da vida.

ATIVIDADE 2

Letras B e D

ATIVIDADE 3

A seqüência de letras é: F, V, F, V, F.

ATIVIDADE 4

A seqüência de letras é: C, N, C, C, N, C, N.

ATIVIDADE 5

Letras: D e F.

ATIVIDADE 6

Letras B e D.

ATIVIDADE 7

A seqüência de letras é: T, M, M, T, M.

ATIVIDADE 8

A seqüência de letras é: V, F, V, F, F, F.

ESTUDO COMPLEMENTAR



- STORT, ELIANA. Cultura, imaginação e conhecimento. Campinas: Unicamp. 1993.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura - um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- RODRIGUES, José Carlos. O tabu do corpo. Rio de Janeiro: Achimé, 1983.
- MATTA, R. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.
- LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. São Paulo : Brasiliense, 1988.

ISBN 978-85-99372-88-3



9 788599 372883

O Curso de Pedagogia UAB UFMG proposto pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais visa à formação inicial de professores para a Educação Infantil e os quatro anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de um curso a distância, com momentos presenciais, desenvolvido pela UFMG em parceria com prefeituras de municípios onde foram criados os Pólos Municipais de Apoio Presencial, nos moldes definidos no Edital SEED/MEC no 1/2005, de 16 de dezembro de 2005.

O curso de Pedagogia UAB UFMG tem como referência o curso Veredas – Formação Superior de Professores, oferecido a professores da 1ª à 4ª série do ensino fundamental, em exercício nas redes públicas de Minas Gerais. O curso foi considerado, por educadores e entidades educacionais de renome, como inovador, tanto na concepção de formação de professores quanto na organização e dinâmica de gestão.

O Curso de Pedagogia UAB UFMG foi organizado na forma de um curso de graduação plena, distribuído em oito módulos, com duração prevista de quatro anos. Habilita para o exercício do magistério na educação infantil e nos quatro primeiros anos do ensino fundamental, de acordo com os requisitos contemporâneos para os profissionais da área de educação e as determinações legais vigentes no Brasil.

